

AUTO-HEMOTERAPIA COMO TRATAMENTO DA PAPILOMATOSE ORAL CANINA- RELATO DE CASO

Bem-estar animal, medicina veterinária preventiva e saúde pública veterinária
VII Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

RESUMO

A papilomatose é uma enfermidade infecciosa, cuja etiologia é um vírus. Ela induz a formação de papilomas que podem ser visualizadas em regiões cutâneas e cavidade oral. Objetiva-se relatar um caso de auto-hemoterapia em um cão com papilomatose. Foi atendido um cão apresentando verrugas na cavidade oral e anorexia. Foram solicitados alguns exames laboratoriais e histopatológico dessas verrugas. A sorologia para cinomose deu positiva. O raspado mostrou a presença de *Demodex sp* e o histopatológico confirmou papilomatose no animal. Foram realizadas diversas terapêuticas, porém não se obteve êxito. Dessa forma, optou-se pela auto-hemoterapia, porém, a mesma não foi satisfatória. Conclui-se, nesse trabalho, que a auto-hemoterapia não foi eficaz como terapêutica na papilomatose oral no cão. Entretanto, fazem-se necessários maiores estudos para comprovar a sua ineficácia.

Palavras-chave: Papiloma, cão, auto-hemoterapia.

INTRODUÇÃO

A papilomatose canina é uma doença infectocontagiosa causada por um vírus da família *Papillomaviridae* (WALL; CALVERT, 2006). A infecção, desencadeia a formação de papilomas que se distribuem principalmente nas regiões cutâneas e em cavidade oral. A ocorrência da doença não apresenta predileção por sexo, raça e sazonalidade, sendo identificada em cães jovens e adultos com algum tipo de imunossupressão (NARAMA et al., 2005). A auto-hemoterapia é um processo que se caracteriza pela retirada de sangue venoso do animal, realizando a aplicação na musculatura. Esta é uma prática de uso clínico crescente na Medicina Veterinária, apesar de ainda se tratar de um procedimento terapêutico sem comprovação científica por não existir estudos clínicos que comprovem os seus benefícios. No entanto, esse processo promove uma resposta imunológica inespecífica e essa condição pode desencadear a queda dos papilomas (CESARIMO, 2008).

São relatadas seis síndromes clínicas relacionadas a papilomatose em cães. Entre elas,

observa-se a papilomatose oral canina, a papilomatose genital, os papilomas múltiplos de coxim plantar, os papilomas caracterizados por placas pigmentadas de origem viral, também denominados verrugas planas e os papilomas cutâneos, que incluem os papilomas cutâneos invertidos. A papilomatose oral canina, é considerada a forma mais comum (MEDLEAU, 2009).

Uma vez que os papillomavirus entram em contato com um epitélio mucocutâneo, ocorre a infecção de células basais, resultando na produção de pequenas cópias de DNA circular do vírus no interior da célula (SCHILLER; DAY; KINES, 2010). Pode ser transmitida por contato direto ou indireto com secreções ou sangue provenientes dos papilomas presentes em animais contaminados e instrumentos contaminados (CALVERT, 2006).

Nos animais com doenças imunossupressivas ou debilitantes, torna-se favorável a replicação e a manifestação clínica do *Papillomavirus*. Geralmente animais que sofreram infecção e regressão total dos papilomas se tornam resistentes a reinfecção. No entanto, podem ocorrer casos de recidiva dos papilomas devido ao não estabelecimento da resposta imune adequada ou por deficiências na imunidade do animal (WALL; CALVERT, 2006). As verrugas orais e cutâneas são a manifestação mais frequente da doença em cães e a maioria destes casos podem ser diagnosticada clinicamente, sendo o histopatológico confirmatório. A maioria dos papilomas sofre regressão espontânea. Nos casos em que não há regressão, é indicado a correção da causa primária da imunossupressão, podendo ser utilizado a auto-hemoterapia (SANTOS *et al.*, 2011),

Diante disso, objetiva-se relatar um quadro de auto-hemoterapia como tratamento da papilomatose oral canina.

METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital veterinário da UFERSA, um cão macho, SRD, de 7 meses de idade, pesando 4 kg. A queixa principal do tutor era de que o animal apresentava verrugas na cavidade oral e apetite reduzido. O animal se encontrava com as vacinações e a vermifugação atrasadas. Ao exame físico foram visualizados papilomas na cavidade oral, de forma que estavam dificultando a ingestão de água e comida pelo paciente.

Foi realizado um teste rápido de detecção semi-quantitativa dos anticorpos IgG anti o vírus da cinomose, o qual apresentou alta concentração e teve resultado positivo. Por fim, também foi realizado um raspado profundo de pele, onde foi possível ver o demódex na lâmina após a fixação através de análise microscópica. Também foi realizado um hemograma e histopatológico que confirmou a papilomatose.

Diante do diagnóstico o clínico instituiu Infervac® 1ml, por via intramuscular (IM) a cada sete dias, totalizando 4 aplicações, sendo indicado para melhorar a imunidade do animal, a fim, de corrigir também a papilomatose. Ivermectan Pet® 3mg na dose de 0,5mg/kg durante 60 dias, indicado para o tratamento de sarna demodécica, mupirocina duas vezes por dia durante 15 dias, indicado para o tratamento tópico de infecções dermatológicas, Simparic® 10mg 1 dose a cada 30 dias, 3 doses no total, indicado para o tratamento de sarna demodécica, e banhos com Amitraz 4ml/L a cada 7 dias.

O cão retornou e após a análise do hemograma, pôde-se verificar que o animal apresentava *Anaplasma Platys* e *Hepatozoon sp.* Durante o atendimento foi realizado a aplicação de Atropina 0,7ml SC e Diazen® 0,2ml SC recomendados para ser repetidos após 14 dias ambos (Antiparasitário; indicado para o tratamento de anaplasrose).

Neste período já havia terminado as aplicações do Infervac®, mupirocina e Simparic®. Em relação à pele, já havia grande melhora do quadro de Demodicose, as lesões estavam quase que totalmente curadas, não havia mais prurido e já havia presença de pelo na maioria do corpo. Quanto à cinomose, não havia mais nenhum tipo de sintoma de doença viral. Já em relação aos papilomas, estes aumentaram significativamente em tamanho e quantidade, não havendo nenhuma melhora com o tratamento. Mediante a situação do paciente, foi recomendado pelo veterinário a auto-hemoterapia em um protocolo de 4 aplicações inicialmente, com intervalos de 7 dias cada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente relato expôs um caso de um cão SRD, diagnosticado com Papilomatose oral canina, onde o mesmo apresentou resistência aos tratamentos. Ao verificar as massas verrugosas com aspectos de papiloma e diante do exame clínico, o paciente foi diagnosticado com Papilomatose, sendo confirmado através do resultado da avaliação histopatológica. O *Papillomavirus* possui mecanismos de evasão da resposta imune do hospedeiro, que permitem a sua replicação e manifestação patogênica. Esta patologia acomete preferencialmente cães jovens entre um a cinco meses de idade ou adultos imunossuprimidos (DOORBAR et al., 2012), neste caso apresentava outras afecções e com 7 meses de idade.

A auto-hemoterapia consiste na aplicação do sangue autólogo por via intramuscular, com o objetivo de estimular o sistema imunológico através da ativação do sistema mononuclear fagocitário (SMF), através do aumento da taxa de macrófagos de 5% para 22% mantendo esta taxa por 5 dias, logo em seguida a taxa começa a declinar, voltando ao seu valor basal no sétimo dia, sendo indicado a repetição a cada 7 dias (MUNDAY; 2014).

O sangue venoso extraído é rico em CO² (gás carbônico) e em contato com a seringa, induz alterações físico-químicas na estrutura da hemácia, por isso quando injetado no organismo atua como uma proteína estranha. As proteínas por sua vez, tem efeito estimulante sobre o sistema simpático e parassimpático, desencadeando reações vasomotoras e teciduais em todo organismo, assim como a ação do SMF estimulado pela auto-hemoterapia (EGAWA; DOORBAR, 2007). Relata-se que os produtos da degradação eritrocitária estimulam a eritropoiese ao ativar o sistema imune, permitindo a manutenção da homeostasia. (SATIN; BRITO, 2004).

O protocolo da auto-hemoterapia teve uma realização de 4 sessões com intervalos de 7 dias entre elas. Ao início de cada sessão foram realizados exames laboratoriais para ser analisado se o animal estaria apto a receber o sangue autógeno. Antes de iniciar o procedimento o animal era colocado no acesso venoso para o caso de necessitar de alguma intervenção durante o tratamento ou após ele, uma vez que o mesmo permanecia 1h sendo monitorado após o procedimento para avaliar possíveis efeitos colaterais que necessitassem de intervenção médica. Realizava-se tricotomia e antissepsia do pescoço em região jugular. Tricotomia e antissepsia da região de aplicação do sangue. Eram coletados 5 ml de sangue em seringa sem EDTA e aplicados imediatamente 2,5ml em cada músculo grácil.

Ao final das quatro sessões de auto-hemoterapia o animal continuava com a presença dos papilomas e estes continuavam a crescer e nascer em todas as regiões descritas antes do tratamento. Havendo assim, a necessidade de reavaliar o animal e realizar outro tipo de terapia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, nesse trabalho, que a auto-hemoterapia não foi eficaz como terapêutica na papilomatose oral no cão. Entretanto, fazem-se necessários maiores estudos para comprovar a sua ineficácia.

REFERÊNCIAS

CESARINO M, ÁVILLA DF, FERNANDES CC, SILVA CB, SCHERER DL, DIAS TA, MENDONÇA CS, CASTRO JR. Efeito da autohemoterapia associada com clorabutanol no tratamento da papilomatose oral em cão (*Canis familiaris*). **Arq. Bras. Vet. Zootec.** 2008; 46: 145-148

WALL, M.; CALVERT, C.A. Canine viral papillomatosis. In: GREENE, C.E. **Infectious disease in the dog and cat.** 3.ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 2006.

NARAMA, I. et al. Pigmented Cutaneous Papillomatosis (Pigmented Epidermal Nevus) in Three Pug Dogs; Histopathology, Electron Microscopy and Analysis of Viral DNA by the Polymerase Chain Reaction. **Journal of Comparative Pathology**, V. 132, p. 132–138, 2005.

SCHILLER, J. T., DAY, P. M., KINES, R.C. Current understanding of the mechanism of HPV infection. **Gynecologic Oncology**, V. 118, p. 12–17, 2010.

MEDLEAU, L.; HNILICA K. A. Papilomatose. Dermatologia de pequenos animais **Atlas colorido e guia terapêutico**. 2 ed. São Paulo: Roca, 2009 p. 141 – 142.

CALVERT, C. A. Canine viral papillomatosis. In: GREENE, C. E. **Infectious diseases of the dog and cat**. 2.ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 2006. p. 51-55.

SANTOS, I. F. C.; MABO, O.; CARDOSO, J. M. M.; DIMANDE, A.; MAPATSE, M. Uso da auto-hemoterapia no tratamento da papilomatose oral canina. 7ª Mostra Científica em Ciências Agrárias, **15ª Mostra Científica da FMVZ**, 18ª Reunião Científica da Fazenda Lageado, Faculdade de Ciências Agrônômicas – UNESP Botucatu, 3 a 7 de Outubro, 2011.

SANTIN, A. P. I.; BRITO, L. A. B. papilomatose canina, uma afecção simples ou complexa? **Ciência Animal Brasileira** v. 5, n. 1, p. 39-45, 2004.

EGAWA, N., DOORBAR, J. The low-risk papillomaviruses. **Virus Research**, V. 231, p. 119–127, 2017.

MUNDAY, J. S. Bovine and human papillomaviruses: a comparative review. **Veterinary Pathology**, V. 51, p. 1063–1075, 2014.

DOORBAR, J., QUINT, W., BANKS, L., BRAVO, I.G., STOLER, M., BROKER, T.R., STANLEY, M.A. The biology and life-cycle of human papillomaviruses. **Vaccine**, v. 30, p.55–70, 2012.

